

# FATOS E NOTAS

---

## QUE É A "HISTÓRIA DO ESPÍRITO" (GEISTESGESCHICHTE)? (\*).

---

Hans-Joachim Schoeps é professor da Universidade de Erlangen. Historiador das religiões e especialista principalmente da história das origens cristãs, fundou além disso um Centro para o estudo da História do Espírito (**Geistesgeschichte**). Foi o primeiro a organizar sistematicamente essa disciplina (1947), que ensina num curso cíclico de seis semestres sob o título de "Introdução à história do espírito na Alemanha moderna" (**Einführung in die deutsche Geistesgeschichte der Neuzeit**). Já percorreu três vezes esse ciclo. Dirige também um "Seminário de História do Espírito", e, ainda, a "Revista para a história da religião e do espírito" (**Zeitschrift für Religion-und Geistesgeschichte**, 1949 e segs.). A revista junta-se uma coleção de Suplementos, de que já apareceram quatro volumes.

Hans-Joachim Schoeps acaba de publicar agora um pequeno volume, que é o programa da nova disciplina histórica, sob o título de **Was ist und was will die Geistesgeschichte? Über Theorie und Praxis der Zeitgeistforschung**, Musterschmidt-Verlag, Göttingen-Berlin-Frankfurt, 1959. Após essa experiência de uma boa dezena de anos, o Prof. Schoeps aprimorou o seu método e o submete à apreciação de seus colegas.

Nestes últimos dez anos muitas obras apareceram na Alemanha que trazem em seus títulos a "história do espírito" (**Geistesgeschichte**). Entre as mais importantes citamos: Carl Schneider, **Geistesgeschichte des antiken Christentums**, 2 vols., München, 1954; Max Bense, **Konturen und Geistesgeschichte der Mathematik**, 2 vols., Hamburgo, 1946 e 1949; Karl Muhs, **Geschichte des abendländischen Geistes**, 2 vols., Berlim, 1950; Friedrich Heer, **Europäische Geistesgeschichte**, Stuttgart, 1954. Mas em nenhuma dessas obras encontramos um verdadeiro método novo da história do espírito.

O ancestral longínquo da **Geistesgeschichte** é Hegel. Hegel, porém, estudava a evolução de espírito nos quadros pre-

---

(\*) — Texto francês traduzido por E. Simões de Paula (Nota da Redação).

concebidos duma filosofia **a priori**, que seus sucessores foram obrigados a abandonar depois parcela por parcela.

Aquêle a quem Schoeps invoca como verdadeiro pai da história do espírito é Wilhelm Dilthey, cujos dez volumes dos **Gesammelte Schriften** constituem uma aplicação autêntica duma **Geistesgeschichte** que não foi ainda sistematizada, em todos os domínios da cultura, filosofia, religião, literatura, psicologia, ética, pedagogia, direito... A influência de Dilthey foi profunda em numerosas disciplinas históricas, notadamente na história das religiões, na história da arte, na história da literatura. Mas, desde então, ninguém ainda retomara o estudo do “espírito do tempo” (**Zeitgeist**) considerado no seu conjunto e como um todo.

O tema próprio da história do espírito (**Geistesgeschichte**) é, segundo o Prof. Schoeps, o espírito do tempo ou espírito da época (**Zeitgeist**) e suas transformações.

Ela se distingue assim de outras disciplinas, tais como a história da cultura (**Kulturgeschichte**), da história das idéias (**Ideengeschichte**), da filosofia da história (**Geschichtsphilosophie**), da sociologia, etc.

E’ interessante notar a maneira pela qual essa nova disciplina e essa nova escola histórica procuram se distinguir das disciplinas vizinhas, porque, sem dúvida alguma, o aparecimento de um novo ramo das ciências históricas, a história do espírito, é um sinal característico da nossa época. Pode-se dizer que a história tal qual a concebe H.-J. Schoeps está no ar, corresponde às preocupações contemporâneas, em suma, ela expõe de maneira rigorosa e sistemática as tendências que todos os contemporâneos partilham.

A história da cultura tomou diversas formas depois dos estudos de Jakob Burckhardt e Eberhard Gothein, que a opuseram à história dos acontecimentos políticos, a que muitas vezes outrora se reduzia a história. Lamprecht e Breysig orientaram sua atenção para as disposições da alma e da vida interior, enquanto que Huizinga se interessou mais pelos sentimentos profundos. Algumas vezes a reduziram também a uma simples história dos costumes (**Sittengeschichte**).

Ao lado da história da cultura, conhecemos a história das idéias (**Ideengeschichte**) no sentido de Friedrich Meinecke e da sua escola, sob o patrocínio de Ranke. A história das idéias descreve a evolução das grandes concepções do mundo fundamentadas sôbre sistemas filosófico-religiosos (**Weltanschauungen**); reduzindo os acontecimentos a forças e as forças a idéias, ela pretende atingir a síntese das culturas.

**Kulturgeschichte** e **Ideengeschichte** tiveram seus equivalentes em França com a **Histoire vivante** de Marc Bloch, Lucien Febvre e seus protestos contra a história superficial, a história dos **faits**, e a **histoire-bataille**.

Muitas vezes, a filosofia da história e a sociologia manifestaram preocupações que se aproximam muito fortemente dessas escolas históricas, assim como da história do espírito.

Entretanto a problemática da **Geistesgeschichte** é outra. Esta procura compreender o sentido duma época, isto é, as relações e as solidariedades de significação que ligam entre si as diversas manifestações dum mesmo estado de espírito a uma época dada, em todos os domínios da cultura.

O que H.-J. Schoeps deseja estudar no seu ensaio é o método de tal história que procuraria compreender a unidade de estilo duma época e a evolução das diversas unidades sucessivas de estilo. O objetivo próprio da **Geistesgeschichte** é, pois, o espírito do tempo (**Zeitgeist**) e suas transformações.

Um primeiro capítulo determina a problemática do **Zeitgeist**, um segundo o problema da sua evolução, o qual está estreitamente ligado ao da divisão da história em períodos, e enfim um terceiro capítulo determina as fontes e o método da **Geistesgeschichte**.

\*  
\*   \*  
\*

A noção do espírito do tempo (**Zeitgeist**) foi pressentida por Herder. Cada época, segundo Herder, é caracterizada por um conjunto de concepções dominantes, de costumes e de hábitos. Em cada época o estilo de vida é diferente, desde o estilo das cartas, das cartas de amor, por exemplo, até a maneira de fazer a guerra ou a paz, as roupas, a maneira de viver a religião ou de estudar as ciências (pág. 16). Para Hegel houve também em cada época um princípio comum que se manifesta na religião, na arte, nos costumes, na vida social, no comércio, na indústria, etc... Todos esses aspectos da cultura são ramos duma mesma árvore.

Mas os românticos, Herder e Hegel em primeira plana, e os outros também, não podiam ter uma idéia suficientemente clara do espírito do tempo e, sobretudo, não lhe podiam reconhecer todo o seu valor. O que predomina entre eles é a dimensão espacial e vertical: o espírito do povo (**Volksgeist**) ou a nacionalidade. O fenômeno histórico primordial é a nação ou o povo (**Volk**) e, por conseguinte, a unidade de estilo

próprio à cultura deve se explicar primeiramente pela nacionalidade. E' o espírito alemão que permanece sempre igual através do tempo e constitui unidade em tôdas as manifestações da cultura alemã.

Essa "nacionalidade" é a grande superstição (**Aberglaube**) do romantismo, mas ela impregnou tôda a historiografia. Matou a idéia do espírito do tempo no seu nascedouro, atribuindo tôda a força de síntese da cultura a um objeto mítico, o **Volksgeist**. Ele é ligado a fôrças naturais, o clima, a terra, a geografia, o meio, todos fatores julgados úteis para explicar a formação da cultura. Chega-se até a inventar um fator orgânico, a raça, o último dos mitos e o mais degradado avatar do romantismo histórico.

Os sonhos românticos sôbre o espírito nacional desviaram a imaginação durante muito tempo, sofrendo aliás os sarcasmos de tôda a esquerda hegeliana que destruiu, pouco a pouco, a idéia do espírito do mestre de Berlim. Foi necessário esperar o aparecimento de Dilthey para se criar uma concepção estritamente racional da síntese das manifestações de cultura.

Na obra de Dilthey pode-se encontrar já os enunciados definitivos do papel que cabe à **Geistesgeschichte**. A análise histórica, segundo Dilthey, deve aprender a reconhecer em tôdas as expressões duma época o elemento comum que a todos domina. Um elemento histórico qualquer deve explicar-se pela sua relação ao todo da época. Essa análise deve-se fazer independentemente de todo preconceito de natureza metafísica sôbre a existência duma alma nacional ou de um espírito do povo.

O espírito da época, **Zeitgeist**, não é a emanação dum espírito eterno da nação, nem a encarnação atual dum espírito universal. Trata-se duma comunidade de destino, trazida pelas circunstâncias históricas, e colocada numa certa situação. Essa situação pode muito bem ir além das fronteiras nacionais.

O **Zeitgeist** corresponde a uma certa situação, isto é, a um certo número de necessidades suscitando um certo estilo de respostas. Todos os homens duma certa época estão colocados, segundo as categorias de Toynbee, diante dum certo desafio, donde se origina um certo estilo comum de respostas. As respostas podem ser diferentes, variadas, mesmo opostas, mas tôdas elas têm um ar de família que lhes vem da comunidade dos problemas. Existe em cada época idéias que "estão no ar".

Tal restituição do **espírito do tempo** é necessária a todo estudo histórico. E' condição prévia do estudo dos heróis históricos, porque restitui o contexto onde êsses heróis viveram.

Para reconstituir o sentido duma época passada, é indispensável prescindir das épocas seguintes. Sem dúvida cada idade histórica está impregnada de tôdas as idades seguintes, mas ela não o sabe. Cada época contém uma série de possibilidades variadas, das quais ninguém sabe ainda seu futuro, como para nós, que vemos os acontecimentos retrospectivamente gerar-se um dos outros. Os contemporâneos os vêem como interrogações que surgem de tôdas as partes e que não receberam sua resposta. Até 1863 por exemplo, e mesmo até 1866, ninguém podia saber como se faria a unidade alemã. Ao lado da solução de Bismarck, que prevaleceu, existiam muitas outras possibilidades, e tôdas podiam ter o mesmo pêsso ao olhar dos contemporâneos: havia a grande união aduaneira do ministro von Bruck, a qual englobava tôda a Europa central; havia os projetos de união federal com duas ou três entidades iguais se sucedendo periódicamente na presidência, ou ainda, outras soluções (pág. 27). Um *Zeitgeist* é feito dum conjunto de temas em tórno dos quais se desenrola o debate entre os homens.

A história do espírito procura compreender o sistema dos temas próprios a uma determinada época.

\*  
\* \* \*

O problema da evolução do espírito do tempo condiciona a divisão da história em tempos ou épocas diversas. Qual é o fundamento dessa divisão em períodos? E' ela legítima? E' que princípio permitirá reconhecer os diferentes períodos?

Quanto à legitimidade da divisão, a questão não deve nos deter muito tempo, porque é impossível estudar uma evolução qualquer sem distinguir fases. Não se pode pensar num fluxo puro. Seria necessário renunciarmos a fazer história. Por mais frágil e precária que seja qualquer divisão, sempre é certo que se precisa de uma.

Nenhum princípio metafísico *a priori* pode legitimamente justificar uma divisão da história anterior aos fatos: nem uma concepção *a priori* das fases sucessivas do desenvolvimento do espírito à maneira de Hegel, nem a analogia das fases da vida animal — crescimento, maturidade, velhice, têm fundamento. E' mesmo inútil perguntar qual é a divisão que se preconiza do ponto de vista de um espírito absoluto, como Deus por exemplo vê a história, porque êsse conhecimento, se êle existe, nos é inacessível. Trata-se apenas de uma divisão relativa ao nosso conhecimento atual.

A história mundial mantém ainda a divisão entre Antigüidade, Idade Média e Tempos Modernos, oriunda de Petrarca e dos humanistas italianos. Mas as fronteiras tornaram-se de tal maneira flexíveis que êsses conceitos acabaram por nada mais significar. Existe historiadores que fazem começar os Tempos Modernos no século XIII, outros que prolongam a Idade Média até 1789. Quanto à outra fronteira é ela ainda mais fluída.

Os historiadores da cultura ou das idéias propuseram idades históricas, como a Renascença ou a Idade das Luzes (*Aufklärung*) e o Idealismo, que vêm da história das idéias ou da filosofia; ou ainda o *Sturm und Drang*, o Classicismo, o Romantismo que são categorias da história literária.

Outros autores, após A. Comte, O. Lorenz, etc. propuseram uma teoria das gerações segundo a qual cada geração introduz um certo tipo de comportamento novo. E conta-se aproximadamente 3 gerações por século. Entretanto essa divisão é muito arbitrária, e não pode excluir *a priori* os retardamentos ou as acelerações da evolução, de sorte que o mundo não deve necessariamente mudar de fase rigorosamente todos os trinta anos.

H.-J. Schoeps admite com G. von Below que os acontecimentos políticos são os mais determinantes. As grandes subversões políticas são as circunstâncias que mais influem sobre os modos de agir e de pensar dos homens. Eles mudam as situações globalmente. É necessário ainda não confundir subversões ou acontecimentos que à distância e ao olhar do historiador pareçam mais fundamentais, com os que realmente foram sentidos como tais. Somente êstes fundamentam uma divisão da história dos tempos.

Admite-se, pois, em tôrno de 1500 uma grande mudança: o início da época moderna. Os pontos de reparo são numerosos: o fim de Bizâncio (1453), a descoberta da imprensa (1455), a descoberta da pólvora de canhão (cêrca de 1450), a descoberta da América (1492), a pacificação de Worms (1495), as teses de Lutero (1517); ao mesmo tempo a divisão entre os estados nacionais toma forma. Tudo isso corresponde ao fim da direção romana sobre a Europa e a formação de estados nacionais conscientes e independentes; a própria Reforma é bem um exemplo disso.

Após a tormenta da Reforma, 1555 abre uma época estável: a Paz de Augsburgo reconheceu a existência do luteranismo segundo o princípio *cujus regio illius et religio*, a abdição de Carlos V marca o fim da idéia de Império no sentido medieval; dualismo religioso, independência dos príncipes sô-

bre o plano religioso e político, formação das duas ortodoxias, a ortodoxia protestante e Contra-Reforma, estabilizadas nas suas fronteiras; as condições permanecem estáveis até 1648. Esse século corresponde também ao Barroco. É o período que W. Kamlah chama de pré-moderno (**Frühneuzeit**).

Nos meados do XVII século começa uma nova época: 1648, fim das guerras de religião, porta aberta à indiferença religiosa; 1695, Paz dos Pirineus entre a França e a Espanha, inauguração do absolutismo principesco. Esse será o tempo da monarquia absoluta, e também, do pietismo, do espírito das luzes; essa época verá desenvolver-se o despotismo esclarecido e o mercantilismo. Termina em 1789 (revolução francesa), 1787 (formação dos Estados Unidos da América do Norte), 1806 (fim do Sacro-Império).

Em seguida, o Congresso de Viena (1815) determina condições que permanecerão estáveis até 1866. Com o Império de Bismarck começa o período da burguesia que cobre duas gerações. Com a Grande Guerra tem início uma nova idade em três etapas: República de Weimar, Terceiro Império, República federal.

Os períodos não coincidem verdadeiramente nas diversas histórias nacionais senão no último século.

Os períodos históricos determinam o destino dos homens. Os homens só podem pensar dentro duma época determinada, com um passado determinado atrás deles que os marca, e uma série limitada de possibilidades em sua frente. O Homem é inteiramente “do seu tempo”. O homem não conhece a si próprio essencialmente por introspecção, mas sim pelas suas dimensões históricas, pelo destino traçado pela época em que vive.

Isto é ainda uma proposição de Dilthey.

Em cada um dos períodos, a história do espírito procura os cortes feitos em todos os domínios, o sentimento vital (**Lebensgefühl**), ou o que Dilthey chama de horizonte vital (**Lebenshorizont**), isto é, o mundo, o círculo dos objetos e dos valores no qual os homens duma geração evoluem. Esse círculo é feito de numerosos elementos muitas vezes divergentes e não se deve reduzir à unidade aquilo que é complexo.

A história do espírito supõe uma faculdade de intuição particularmente aguda para compreender o sentido duma época ultrapassada. Não se deve querer assimilá-la, reduzi-la a categorias contemporâneas sob pretexto de melhor compreendê-la.

Um bom exemplo dessa redução do passado para o presente é a interpretação de Lutero. No XIX século fazia-se da Reforma uma libertação do homem do jugo da cristandade medieval e dos dogmas, e de Martinho Lutero o herói da liberdade alemã. Essa interpretação sobreviveu até Harnack. Em seguida, com E. Troeltsch, K. Holl, E. Seeberg, etc. propendeu-se mais a ver tudo o que sobrevivia de medieval em Lutero e na Reforma, e fêz-se começar a verdadeira época moderna ao tempo do despotismo esclarecido ou mesmo mais tarde.

Em geral pode-se observar nos últimos tempos uma espécie de precipitação da história. Se retivermos o fato de que cada nova geração traz com ela uma nova problemática, uma nova linguagem, novas fórmulas, um novo estilo, é necessário reconhecer que neste século uma revolução desse tipo não se produziu mais em trinta anos, mas sim todos os dez anos. Todos os dez anos os homens de 20 anos transformam a atmosfera e criam preocupações novas. Poder-se-ia muito bem distinguir os mundos ou os horizontes bem diferentes dos homens que tiveram 20 anos em 1913, 1923, 1933, 1943 e 1953. Goethe já não dizia que o homem torna-se um outro homem todos os dez anos?

Pode-se facilmente reconhecer que cada geração tem seu estilo e que êsse estilo se encontra em tôdas as manifestações da vida social, desde as simples cartas, os sermões, os discursos até as obras científicas ou os romances. Uma obra pode ser datada à primeira vista pelo seu estilo, mesmo se ela não traz nenhum milésimo, assim como uma obra de arte, uma pintura, uma peça de música. Ela traz a marca da sua época. E' precisamente essa marca da época que permite um estudo do espírito do tempo (*Zeitgeistforschung*).

\*

\* \*

O terceiro capítulo, o mais importante porque entra em contacto com o método, trata das fontes da história do espírito. O problema das fontes nasce da abundância, pelo menos para os períodos modernos, de materiais utilizáveis. Tudo pode servir de fonte, todos os documentos escritos ou figurados, tôdas as expressões da cultura. A história do espírito não se liga, com efeito, às grandes obras culturais, àquelas que atraem a atenção, seja pelo seu valor, seja pela importância que lhe foi atribuída num momento dado. Liga-se sobretudo àquilo que é anônimo. Procura descobrir nos documentos da vida cotidiana a marca duma época. Não procura, pois, as obras repu-

tadas de culturais, mas sim a cultura que transparece nas obras que não o são, naquelas em que o espírito se trai sem o saber.

As grandes obras, como os grandes homens, estão acima do seu tempo. Sem dúvida sofrem êles a sua influência; são também testemunhos de seu tempo. Mas é nas minúcias, naquilo tudo que escapa à sua atenção, que se pode ver a sua marca. Os grandes sistemas, as grandes idéias, as obras primas não são representativas do espírito médio duma época. Elas influenciaram em geral mais as épocas seguintes do que a sua.

Devido à abundância das fontes é indispensável proceder a uma escôlha. Será necessário tirar antecipadamente amostras características de tôdas as manifestações de um certo estilo duma época, de maneira a fazer um corte tão completo quanto possível da mentalidade duma sociedade tomada em um momento dado de sua evolução.

Essa história será essencialmente a história das pessoas do povo. A antiga história era a história dos reis, dos chefes de estado, dos príncipes, dos generais, ou então a história dos pensadores, dos artistas, em suma, a história dos homens excepcionais. A história do espírito se interessa não pelos grandes homens, mas pelo homem da rua, pelo homem ordinário, pelo estilo da vida da média dos homens de uma época. Desce à contestura da vida do povo para compreender o sentido da vida, os fins, os projetos, os sonhos, o modo de viver enfim dum povo num momento preciso de sua história e durante sua evolução. São, pois, os documentos da vida cotidiana os mais interessantes.

Para fazer a história do espírito é necessário se colocar dentro da mentalidade da época, procurar representar como a vida, não a vida material, mas a vida humana, as paixões, os projetos, os fins, os meios eram representados nessa época.

O autor divide em nove grupos as fontes mais interessantes, e junta, em notas, para cada um dos grupos, uma bibliografia que permite chegar à história da cultura alemã quase que imediatamente.

1. — Os sermões e os tratados. Pela vida dos cavaleiros, dos burgueses ou dos letrados dos séculos XVI e XVII, não temos documentação mais rica do que as inumeráveis orações fúnebres conservadas nos arquivos das famílias ou reunidas desde então nos arquivos das cidades ou dos estados.

Os sermões também conservados, em grande número, dão uma quantidade enorme de dados sôbre tôdas espécies de acon-

tecimentos da vida cotidiana, as festas, os costumes, o comportamento dos vigários e dos pastores através dos tempos.

Ao lado dos sermões, há tôda uma pequena literatura de livros piedosos, de tratados religiosos, panfletos, libelos, obras de polêmica em matéria política ou literária, inumeráveis brochuras. A obra de Groethuyzen sôbre a burguesia francesa do XVII século, a de M. Weber sôbre a burguesia calvinista, constituem modelos de utilização desses documentos.

### 2. — As enciclopédias e dicionários.

Nada mais característico da cultura geral e das preocupações duma época do que as enciclopédias, graças ao espírito de objetividade com o qual foram feitas. Desde a **Encyclopédie** de d'Alembert e Diderot (35 volumes, 1751-1780), tôdas as enciclopédias são a soma do saber duma época. A evolução dos artigos, das palavras escolhidas, do conteúdo dos artigos, são índices característicos da evolução da mentalidade média do país. A Alemanha do século XIX é particularmente rica em enciclopédias e as suas múltiplas edições permitem seguir facilmente a evolução do espírito médio do público.

### 3. — As biografias e as auto-biografias.

O problema histórico da biografia, o da fidelidade da relação dos acontecimentos não se apresenta aqui. A biografia vale por si própria como um documento que revela a maneira pela qual se concebe a vida. O que é interessante é a mentalidade do biógrafo, mais do que os acontecimentos que ela representa: o que põe em evidência no seu herói, o que êle esquece de dizer, o que o interessa e o que não interessa.

As auto-biografias constituem um grupo privilegiado, e pode-se acrescentar aí tudo o que há de auto-biográfico nos documentos literários aparentemente objetivos. Não é raro, com efeito, um autor literário narrar em suas obras fatos pessoais e, por conseguinte, um certo jeito, um certo estilo de idear esses fatos: preces, monólogos, relatórios, arrazoados fictícios ou declamações retóricas, cartas ou retratos literários, crônicas de famílias, memórias de famílias nobres, romances, biografias, etc.

As memórias constituem uma espécie particular do gênero. São interessantes principalmente quando evocam a maneira pela qual os acontecimentos foram acolhidos e vividos.

### 4. — Os jornais pessoais e as cartas.

As cartas e os jornais íntimos têm sôbre as memórias a enorme vantagem de serem contemporâneos dos acontecimen-

tos e dos movimentos da alma que revelam. E' necessário ainda que êsses jornais sejam realmente espontâneos e sinceros e que não sejam obras de imaginação e de pura literatura.

As cartas têm modelos ilustres na Antigüidade e na Idade Média. Em seguida vem a correspondência latina dos humanistas. Também aqui a separação deve ser feita entre a obra literária e o documento histórico.

No século XX a arte epistolar tornou-se popular, o uso das cartas generalizou-se. Existem cartas de tôdas as categorias, cartas de amor, cartas políticas, cartas abertas, cartas profissionais, e também as participações de nascimento, noivado, casamento, morte, cartas de guerra e as cartas de revolução. As cartas escritas à margem dum acontecimento histórico são também interessantes para o conhecimento e o alcance dum evento: por exemplo as cartas escritas entre o dia 16 e 19 de outubro de 1813, no dia 16 de março de 1848, 18 de janeiro de 1871, 9 de novembro de 1918 ou 30 de janeiro de 1933.

5. — A imprensa, jornais, revistas, jornais satíricos. E' sabido o extraordinário desenvolvimento da imprensa durante o último século. O que interessa à história do espírito não é a técnica do jornalismo, nem o seu valor de documentação histórica. A imprensa recompõe uma época com seus problemas, suas esperanças, suas preocupações. Através dos jornais pode-se reconstituir aquilo que uma sociedade pensa dela mesma e a evolução dêsse conhecimento. Interessante é, por exemplo, a comparação entre os jornais de 1.º de janeiro de 1900 e de 1.º de janeiro de 1950. Encontra-se aí panoramas do século passado e os prognósticos reveladores da mentalidade média da época, ou ainda, por exemplo, podemos referir os jornais do dia 1.º de maio entre 1900 e 1950.

As caricaturas, as sátiras (**Punch**) são igualmente reveladoras. Quanto às revistas, permitem seguir a evolução do estado de espírito da burguesia.

6. -- Os discursos acadêmicos e os manuais escolares.

Houve sobretudo nos séculos passados tôda uma série de discursos por ocasião de solenidades acadêmicas, cada um dos quais revela o estilo característico da época. Tôda essa literatura escolar revela os temas que agitaram os espíritos, os temas favoritos do tempo passado.

7. — Os debates parlamentares e os discursos políticos.

Há também um estilo político e parlamentar, cuja evolução mostra mudanças de mentalidade. Ora, na Alemanha possui-se os textos estenografados dos debates parlamentares desde o Congresso de Franfort (1848-1849). Os debates refletem muitas vezes as grandes controvérsias do tempo, os grandes antagonismos que alimentaram a mentalidade das massas durante um período.

8. — Filmes, fotografias, imagens.

Desde 1895 há um enorme material filmado que se foi constituindo e que permitirá refazer a história da imaginação popular desde então. Os gêneros de filmes, os temas, seguem uma evolução.

Quanto à fotografia, ela remonta a 1840 mais ou menos. As fotografias permitem evocar a imagem que se faz do homem numa certa época. A evolução da moda por exemplo é bem significativa.

Enfim a imagem, a imagem artística, ou o anúncio, revela também o seu tempo.

9. — Outras fontes.

Citemos em bloco outras fontes variadas: almanaques, catálogos de lojas, livros de ouro de jubileus, revistas profissionais, boletins, moedas, papel-moeda, letras de câmbio, prospectos, cartazes, livros de boas maneiras, etc.

\*  
\* \*

Um quarto capítulo muito curto considera as possibilidades de um ensino metódico da **Geistesgeschichte**. A revista do material que lhe é próprio mostra que se trata duma disciplina distinta das outras partes da história. Mas é interessante fazer valer a importância que ela poderia revestir no ensino.

O estudo da história, como o de tôdas as ciências de hoje, tende para uma especialização cada vez mais crescente. Mas essa tendência arrisca-se a chegar a uma tal divisão do saber e a uma tal divisão de competências que não se encontrará mais ninguém para fazer a síntese.

Ora, a história do espírito pode ser uma disciplina cujo objeto próprio é a síntese. Ela faz da história não um elemento de cultura, mas a síntese da cultura. Liga-se, com efeito, ao sentimento que os homens dão à vida tomada englobadamente em cada época, daí a maneira pela qual registram e assinalam os dados da cultura durante as idades. Pela interpretação de

tal disciplina os homens de ciência podem retomar contacto com o conjunto do saber e da cultura, com o sentido do homem no seu conjunto.

Uma Sociedade para a história do espírito (**Gesellschaft für Geistesgeschichte**) foi fundada em 1958 em Erlangen (Kochstrasse, 4) com o fito de promover a introdução dessa disciplina em tôdas as Universidades e Altas Escolas técnicas ou pedagógicas.

O objeto próprio da disciplina é o sentido da vida tomado globalmente e estudado no seu desenvolvimento histórico. Até o presente, poucas instituições de ensino superior têm um ensino dessa espécie. Em algumas instituições da Alemanha existe alguma coisa situada entre a história e a filosofia, e que representa mais ou menos o nosso objetivo. Nos EUA existem cadeiras de **History of Ideas** e na Suécia uma cadeira equivalente. O professor Joachim Wach empreendera no Instituto Lamprecht de História Universal, de Leipzig, em 1933, um curso de história da religião e do espírito. Desde 1947, o Prof. Schoeps ensina em Erlangen, como já dissemos, a disciplina que hoje defende com convicção. Outras instituições apareceram desde então.

O Prof. Schoeps termina a sua obra com três apêndices do maior interesse.

O Apêndice I dá um exemplo do estudo da história do espírito. O autor faz questão de seguir a evolução da grande enciclopédia universal alemã, a **Groszer Brockhaus**, cujas 16 edições apareceram nestes 150 anos. Mostra principalmente a evolução da mentalidade no comentário dado a palavras típicas. Cita muitas edições na palavra "pobreza" (**Arm, Armut**), ou ainda a palavra "Iluminismo" (**Aufklärung**), "barroco" (**Barock**), "amor" (**Liebe**), etc. A prova é decididamente convincente do interesse com que êle faz êsse estudo histórico.

O Apêndice II dá o programa dos cursos do Prof. Schoeps repartidos em seis semestres. Enfim o Apêndice III explica o método prático do seminário.

Segundo a exposição que precede, julgar-se-á sem dificuldade que a história do espírito é a emanção das preocupações de nosso tempo. Ela mesmo constitui um argumento a favor da tese que defende. Estamos na época em que as massas aderem à consciência histórica, onde elas não são mais somente os instrumentos passivos de uma história que se desenrolava acima delas, mas onde, pelo contrário, tomam parte ativa. Estamos na época em que os instrumentos da cultura são pela pri-

meira vez colocados ao alcance das massas, pelo ensino obrigatório, pela imprensa, o cinema, o rádio. Por si mesmo a cultura reagiu ao contacto das massas. Interessou-se por elas, e com a cultura é a própria história que torna-se obra do povo e não somente de elite; a democracia é antes de tudo o clima próprio ao período atual, onde o povo está interessado pela coisa pública.

Essa revolução não foi feita num só dia; foi preparada durante longos séculos, mas o processo dessa evolução foi bruscamente acelerado durante o curso das últimas décadas. E' por isso que a história do espírito foi especialmente adaptada à história dos últimos séculos e sobretudo das últimas gerações. E' aí que precisamente abundam os documentos. Pelo contrário, as fontes são muito mais raras naquilo que concerne às idades antigas e, sem dúvida, para a história antiga, uma história do espírito permanece um sonho dificilmente realizável.

Quando os povos fazem a história tornam-se legitimamente assunto da ciência histórica. A história do espírito vem, pois, preencher um vácuo. Ela se impõe perfeitamente nas circunstâncias atuais. Aliás, como o Prof. Schoeps o demonstra, muitas abordagens foram feitas tanto a partir da sociologia como da filosofia ou da história. Mas há toda vantagem em definir estritamente as disciplinas, seus objetos e seus métodos. E' por isso que se pode prever que o Prof. Schoeps fará escola e que sua influência será durável.

No Brasil sentimo-nos admirados pela convergência de obras importantes sobre a cultura brasileira com os projetos de história do espírito, quer se trata da obra sociológica de Gilberto Freyre ou da obra histórica de Sérgio Buarque de Holanda, porque aqui sociólogos e historiadores acabaram por se unir. A obra desses dois autores realiza já por antecipação, o projeto duma história do espírito no Brasil sem, entretanto, definir, de maneira estrita, um método.

A *Geistesgeschichte* responde também a um apêlo de nossa época, aquêle que H.-J. Schoeps assinala: o apêlo rumo a uma síntese, ou antes uma ciência sintética, uma ciência da compreensão global do homem. Acima de tôdas as especializações das ciências humanas, das ciências morais, isto é, das ciências sociais e históricas, há um meio de constituir uma ciência cujo objeto é o próprio homem considerado segundo o sentido total da vida humana. A *Geistesgeschichte* poderia assim tornar-se o centro duma cultura geral nova, cultura geral que tanta falta faz no mundo ocidental depois que as humanidades

antigas, os autores gregos e latinos, caíram no olvido. A antiqüidade greco-latina já não é hoje a base da cultura mesmo nos sistemas de ensino que formalmente a mantém no programa. Ora, após o desaparecimento dos autores gregos e latinos da cultura, nada veio tomar o seu lugar. Não há mais cultura geral no Ocidente e essa ausência é particularmente sensível na América.

Onde encontrar uma cultura geral? Como voltar a dar ao ensino secundário e superior o seu caráter de humanismo, de formação total do homem? A **Geistesgeschichte** nos fornece talvez um caminho.

Entretanto, se se trata de cultura geral, a **Geistesgeschichte** definida pelo Prof. Schoeps, não constitui ainda a solução total. Porque o homem que êle estuda, a partir das fontes que indica e pelo método descrito, é o homem médio e sua evolução, o homem da rua, o homem qualquer. Ao lado e acima da história do homem qualquer, dos seus sonhos, do seu estilo de vida, de seus costumes, permanece a história das idéias, a história da ciência, a história das grandes obras; essas histórias desviam de alguma maneira a evolução da humanidade; elas se sobrepõem ao homem médio. Não penetram jamais completamente na cultura dos povos. Mas permanecem todavia como uma incitação permanente dirigida a uma elite e, nesse sentido, seu papel na educação pode ser superior àquêle duma história do homem qualquer. Será mais importante saber o que é o homem de fato, sua evolução de fato, em massa, em bloco, ou o que é êsse homem nos seus sonhos mais elevados, a vanguarda da humanidade, o que é êsse homem nas suas possibilidades as mais sublimes? Existirá uma educação humana que não seja a tradição das maiores obras da humanidade visando suscitar novas obras semelhantes, ainda que a maioria dos homens se revele incapaz não somente de as imitar, de compreendê-las? Isto é uma questão que ultrapassa a história; ela diz respeito a toda uma filosofia do ensino e da educação. Mas elas deve ser proposta se se quer dar à história do espírito um sentido e um lugar definitivo no corpo das disciplinas científicas.

**JOSE' COMBLIN**

Doutor em Teologia pela Universidade de Lovaina.